

TRADUZINDO UM FANTASMA TEXTUAL: A ELIPSE EM VIRGINIA WOOLF

ANGELO, Wagner Ferreira
SILVIA, Rosycléa
SOUSA, Renata

Introdução

Ao se pensar na tradução de uma obra literária, muitos fatores podem ser levados em consideração pelo tradutor que prima pela qualidade de seu trabalho. A gramática de uma língua, por exemplo, pode ser considerada como um desses fatores de relevância para a realização da tradução; uma vez que a estruturação de um texto se correlaciona com a forma de organização do pensamento de uma dada cultura. Com isso, não é de se causar nenhuma surpresa que certas estruturas gramaticais que influenciam no desenvolvimento textual sejam mais “fáceis” de lidar durante o processo tradutório do que outras, seja por suas semelhanças ou pela menor complexidade envolvida com as da língua para a qual será traduzida.

Contudo, em se tratando da conexidade semântica dentro de um texto, algumas frases podem não apresentar uma coesão gramatical constante. Por tal razão, Celso Cunha e Lindley Cintra dizem que o “[...] empenho de maior expressividade leva-nos, com frequência, a superabundâncias, a desvios, a lacunas nas estruturas frásicas tidas por modelares.” (2010, p. 613).

A essa realização de sentido representada pelas Figuras de Sintaxe que podem se fazer presentes em qualquer literatura, os autores mencionados dizem também que “[...] a coesão gramatical é substituída por uma coesão significativa, condicionada pelo contexto geral e pela situação” (op. cit. p. 613). Não obstante, essas nuances textuais se valem para a tradução na medida em que o papel do tradutor, dentre outras atribuições, envolve a manutenção de sentido de um texto original, sendo fidedigno a ele. Assim, a fidedignidade de um texto para a tradução está correlacionada ao respeito pelo sentido da obra a ser traduzida (ROBINSON, 2002, p. 17), independentemente das adversidades frente a este objetivo.

Levando em consideração esses aspectos supracitados relacionados ao ato de traduzir, nos dispusemos a averiguar quão fidedigna foi a tradução elaborada do conto de Virginia Woolf *A Haunted House* para o português, com título *A Casa Assombrada*. O foco de nossa análise é verificar a ocorrência da Elipse e a importância desta Figura de Sintaxe no processo tradutório. Assim, para se atingir os objetivos propostos neste trabalho, foram analisadas duas obras referentes ao conto *A Haunted House* de Virginia Woolf, sendo um no original em inglês, bem como sua tradução para o português realizada por Leonardo Fróes. Em seguida, procurou-se identificar e correlacionar a ocorrência da Elipse em ambos idiomas com o intuito de se elencar as circunstâncias em que tal Figura de Sintaxe se apresentava nos textos. Dessa forma, possibilitando uma análise contrastiva entre texto original e tradução no que diz respeito à omissão de determinados elementos e sua relevância para a tradução.

A coesão e a ética na tradução domesticadora

Segundo Venuti (2002), a tradução está a serviço de diferentes comunidades, tanto estrangeiras quanto domésticas e, por isto, a própria escolha do texto a ser traduzido não é aleatória.

O texto selecionado para ser traduzido será “domesticado” (VENUTI), ou seja, reescrito de maneira a tornar-se agradável, familiar e compreensível na cultura receptora. Nessa tentativa de deixar o texto cada vez mais próximo da língua alvo, o tradutor desenvolverá estratégias de tradução que serão primordiais, pois segundo Venuti (op. cit.), textos traduzidos podem ter o poder de manter ou revisar hierarquias de valores, já que há sempre uma seleção de algumas questões, sejam elas lingüísticas ou culturais, em detrimento de outras.

Isso acontece devido ao fato de que o texto traduzido carrega consigo os valores da sociedade em que este se originou, o que é natural; a tradução, sendo essa transposição de um organismo vivo para outro organismo também vivo que é a língua, quando realizada “domestica textos estrangeiros, inscrevendo neles valores lingüísticos e culturais inteligíveis para comunidades domesticas específicas” (VENUTI, 2002 p.129). Nesse panorama, é possível compreender a natureza da tradução enquanto “uma operação textual entre línguas, contextos e culturas” (VASCONCELOS e PAGANO, 2005, p. 177).

Com essa compreensão, e tendo a elipse como foco do presente trabalho, discutimos a coesão textual na realização da tradução. Coesão entendida, segundo Halliday e Hasan (1976, p. 04) como:

Relações de sentido que existem no texto e que o definem como texto. [...]. Ocorre onde a *interpretação* de algum elemento no discurso depende da interpretação de um outro. Um pressupõe o outro, no sentido de que um não pode ser efetivamente decodificado a não ser recorrendo-se ao outro. (apud MAGALHÃES, 2005, p. 211).

Essa coesão, tal como demonstrada pelos autores, dispõe de cinco recursos, a saber: a referência, a substituição, a elipse, a conjunção e a coesão lexical. A elipse e a substituição são estabelecidas como “A troca de um item por outro ou de um item por zero, uma e outra podendo tomar o lugar de um substantivo, um verbo ou uma oração” (op. cit.).

Com essa discussão, e partindo do pressuposto de que o texto deve ser compreendido como um processo de sentido, e a coesão uma parte desse processo por meio da qual “o fluxo do sentido é canalizado numa corrente de discurso” (HALLIDAY, 1985, p 311 *apud* MAGALHÃES, 2005, p. 212), acreditamos que essa concepção de coesão ressaltada por Halliday (op. cit), alinha-se a *coesão significativa* discutida por Celso Cunha e Lindley Cintra (2010 cf. p. 01), o que evidencia a tradução como um processo de transposição de sentidos, os quais são, segundo Venuti (2002), domesticados, já que se trata de uma troca multicultural.

Com relação à domesticação e à dimensão ética da tradução Berman (2007, p. 65) resalta que “[...] o tradutor que traduz *para* o público é levado a trair o original, preferindo seu público, a quem também trai, já que apresenta uma obra ‘arrumada’”. Venuti (op. cit.), no entanto, resalta que as traduções inevitavelmente realizam um trabalho de domesticação, pois

Uma tradução sempre comunica uma interpretação, um texto estrangeiro que é parcialmente alterado, suplementado com características peculiares á língua de chegada, não mais inescrutavelmente estrangeiro, mas tornado compreensível num estilo claramente doméstico (p. 17).

A crítica de Berman com relação à domesticação é debatida por Venuti, pois este acredita que uma ética tradutória não pode se restringir a uma noção de fidelidade, já que “qualquer avaliação de um projeto tradutório deve incluir uma consideração das estratégias discursivas, dos seus cenários institucionais e suas funções e feitos sociais” (VENUTI, 2002, p. 156).

É nesse contexto que se encontra a análise da presente pesquisa e que discorremos na seção seguinte.

Análise

A análise revelou que tanto na obra em língua inglesa quanto na portuguesa a Elipse se fez presente. Contudo, certos fatores particulares a cada língua foram detectados. Assim, podemos observar o pronome oblíquo “it” no exemplo em inglês o que, ao contrário, no português a ocorrência do elemento que aponta para o referente é omitido devido ao contexto auto-explicativo em que se encontra a oração.

“‘Here we left it’, she Said.”

“‘Deixamos aqui’, ela disse.”

Essa omissão alinha-se a discussão feita por Venuti (2002), ao ressaltar que as traduções domesticam a fim de que tornem os textos mais compreensíveis na língua de chegada. Na língua portuguesa essa retirada do pronome “it” deixa a comunicação mais fluente, sendo uma peculiaridade dessa língua a tendência a tal omissão, a tradução é, portanto, suplementada com características peculiares da língua de chegada (cf. p.03).

Também verificamos a omissão na tradução de “The window panes” por “As vidraças”, como evidenciado abaixo:

“[...] *The window panes reflected apples, [The window panes] reflected roses [...]*”

“[...] *As vidraças refletiam maçãs, [As vidraças] refletiam rosas [...]*”

Essa omissão de “panes” para o português, reforça a ideia que temos discutido, com base em Venuti (op. cit.), de que a tradução é domesticadora na medida em que torna o texto estrangeiro mais agradável e familiar na língua alvo e reforça, principalmente, que a coesão de um texto se refere a uma relação de sentidos, como discutida por Halliday (1987 *apud* MAGALHÃES, 2005). A omissão do termo “panes”, por tanto, não fere o sentido do texto original, fazendo com que o tradutor seja fiel ao sentido e não às palavras empregadas na obra original, podendo, assim, ser observada uma primazia pela não tradução literal.

Por último, a omissão de certos termos por escolha do tradutor pode ser observada. Pois, ao se traduzir a sentença em inglês “‘Safe, safe, safe’, the pulse of the house beats softly” por “‘Em segurança, em segurança’, suavemente bate o pulso da casa”, pode ter sido o intuito do tradutor não optar pela tradução literal, procurando repetir apenas duas vezes a tradução de “Safe” por “Em segurança” para, a nosso ver, poder evidenciar, num primeiro momento, batidas de um coração calmo e assim deixar a tradução próxima a tal possível interpretação. O mesmo pode ser observado em “‘Safe, safe, safe,’ the heart of the house beats proudly” com tradução “‘Em segurança, em segurança, bate orgulhoso o coração da casa”.

Num segundo momento, verifica-se a ocorrência da tradução literal da sentença: “‘Safe! safe! safe!’ the pulse of the house beats wildly” e “‘Em segurança, em segurança, em segurança!’, bate descontrolado o pulso da casa”, assim, fazendo-se a

repetição tripla da palavra “Safe” por “Em segurança”. Tal repetição pode ter sido mantida com o intuito de se promover uma tradução fidedigna, pelo fato de invocar um “descontrole” intencionado pela autora na sentença original; uma vez que, na nossa leitura, o coração não bate de duas em duas vezes, indicando uma possível batida compassada, mas batendo três vezes imprimiria a ideia de descontrole, no inglês denominado “wildly”.

Considerações finais

Com este trabalho, pode-se perceber que a Figura de Sintaxe Elipse presta um papel muito importante tanto para a construção da obra literária quanto para a própria tradução. Por meio deste tipo de coesão gramatical é possível compreender uma parte da visão de língua de um povo, por sua estruturação textual e elaboração de sentido. Por essa razão, um tradutor precisa levar em consideração o acontecimento elíptico dentro da literatura não somente em sua língua materna, mas também na estrangeira, para, com isso, se possibilitar uma tradução mais fidedigna.

REFERÊNCIAS

- BERMAN, Antonie. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Trad. Mauri Furlan. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2007;
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa, 2010;
- MAGALHÃES, Célia. *Da coesão como recurso de continuidade do discurso*. In: Competência em tradução: cognição e discurso. Adriana Pagano, Célia Magalhães e Fábio Alves (Orgs). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005;
- ROBINSON, Douglas. *Construindo o Tradutor*. São Paulo: EDUSC, 2002;
- VASCONCELOS, Maria Lúcia; PAGANO, Adriana. *Explorando interfaces: estudos da tradução, linguística sistêmico-funcional e linguística de corpus*. In: Competência em tradução: cognição e discurso. Adriana Pagano, Célia Magalhães e Fábio Alves (Orgs). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005;
- VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Trad. Laureano Pelegrin et al. São Paulo: Edusc, 2002.
- WOOLF, Virginia. *Contos completos*. In: FRÓES, Leonardo (editor). São Paulo: COSAC NAIFY, 2005;
- WOOLF, Virginia. *The complete shorter fiction of Virginia Woolf*. In: DICK, Susan (editor). 2ª Edição. Nova York: Editora Harvest Book, 2006